

Coleção Estudos  
Dirigida por J. Guinsburg  
(*in memoriam*)

**Kim D. Butler e  
Petrônio Domingues**

**DIÁSPORAS IMAGINADAS  
ATLÂNTICO NEGRO  
E HISTÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS**

*Tradução dos textos de Kim D. Butler*  
**MARIÂNGELA DE MATTOS NOGUEIRA**

*Coordenação de texto Luiz Henrique Soares e Elen Durando  
Preparação Marcio Honorio de Godoy  
Revisão Luiz Henrique Soares  
Capa Sergio Kon  
Produção Ricardo W. Neves e Sergio Kon.*



**PERSPECTIVA**

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

B992d

Butler, Kim D., 1960-

Diásporas imaginadas : Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras / Kim D. Butler, Petrônio Domingues. - 1. ed. - São Paulo : Perspectiva, 2020.

360 p. ; 23 cm. (Estudos ; 374)

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5505-030-1

1. Diáspora africana. 2. Negros - Identidade racial - Brasil.  
3. Cultura afro-brasileira. 3. Discriminação racial - Brasil.  
1. Domingues, Petrônio. II. Título. III. Série.

---

20-66624

CDD: 305.896

CDU: 316.347

---

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

18/09/2020

21/09/2020

1<sup>a</sup> edição

Direitos reservados em língua portuguesa à  
EDITORAS PERSPECTIVA LTDA.

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3025  
01401-000 São Paulo SP Brasil  
Telefax: (011) 3885-8388  
www.editoraperspectiva.com.br

transculturais e liames *glocais*, caracterizado por diversos processos de contatos, permutas e traduções das tradições. É a partir desse circuito de crescentes relações (pessoais e institucionais) interligadas que precisamos desenvolver novas interpretações críticas para compreender os interdependentes e sobredeterminados mecanismos de fluxos e refluxos entre experiências político-culturais que desigualmente articulam intercâmbios e relações sociais, políticas, econômicas e culturais através de fronteiras geográficas.

*Os autores*

## 1. Definições de Diáspora

### Articulação de um Discurso Comparativo<sup>1</sup>

Qual é a diferença entre diásporas e outros tipos de migração? Qual é a relação entre diáspora e transnacionalismo ou cosmopolitismo? Todos esses termos têm crescido em popularidade nas últimas décadas, à medida que o mundo se torna cada vez mais interconectado, e são cada vez mais usados para descrever as múltiplas comunidades globais de africanos e seus descendentes. Livros, seminários, periódicos, cursos e programas de pós-graduação vêm adotando o termo “diáspora” para delinear seu enfoque, e a literatura empírica tem aberto uma riqueza de conhecimentos sobre como as pessoas remodelam identidades e comunidades no espaço e no tempo<sup>2</sup>. Até o final do século xx, o termo “diáspora” (tipicamente com D maiúsculo) era quase exclusivamente identificado com a experiência judaica, embora existisse uma extensa literatura sobre outras importantes dispersões, como a grega, a africana e a armênia<sup>3</sup>. À medida que a pesquisa sobre diásporas específicas progredia, nos distanciamos da definição com base nas experiências judaicas e aprimoramos uma compreensão fundada na experiência de cada grupo que adota o termo. Isso tem sido útil para entender a diáspora como uma comunidade humana universal e cada vez mais comum. No entanto, essa fluidez de usos corre o risco de tornar seus significados tão amplos

que lhes falte a precisão analítica necessária para que sejam teoricamente úteis.

*Definição*  
*coerção*

As diásporas são um tipo dinâmico de comunidade baseado na lógica primordial da família; diversas pessoas espalhadas por muitos lugares que, no entanto, se percebem unidas por uma ascendência comum e, em particular, conectadas a um local comum de origem. Assim como a família, essas conexões requerem estímulo ao longo do tempo e estão sujeitas a condições que podem lhes enfraquecer ou, ao contrário, reafirmar vigorosamente. Mudanças na natureza, no ritmo e na capacidade da mobilidade humana ao longo do tempo afetam a forma como as diásporas se formam e se desenvolvem. Quando as viagens e correspondências de longa distância eram feitas a pé ou em caravanas, a separação entre suas terras e as diásporas era profunda, definindo como as pessoas mantinham conexões com suas terras e culturas ancestrais. Na era digital, as diásporas são cada vez mais comuns e uma parte cada vez mais importante do cenário social, político e econômico, porque é mais fácil viver e trabalhar através de fronteiras geográficas e Estados-nação tradicionais. As pessoas não mais simplesmente migram e assimilam novas culturas. Hoje, milhões de pessoas estarão acompanhando notícias e amigos, conduzindo negócios, seguindo as mais recentes tendências da música e da cultura popular e, talvez, influenciando correntes políticas em países distantes. As linhas estão embaçadas entre, digamos, um trinitário-tobagense que vive no Canadá e um canadense de origem trinitário-tobagense. Parte desse novo globalismo tem suscitado apreensões. Enquanto escrevo, uma onda nativista está crescendo na Europa por medo de que os imigrantes permaneçam leais à sua terra de origem. A forma como as diásporas procuram influenciar a política nas nações em que residem em prol de interesses externos tornou-se alvo do interesse de agentes políticos e estudiosos em todo o mundo<sup>4</sup>. Quando a França venceu a Copa do Mundo de 2018 com uma equipe composta principalmente por jogadores com raízes em ex-colônias, irromperam controvérsias sobre se deveriam ser considerados “franceses”, “africanos” ou ambos, destacando as complexidades e possibilidades do pertencer e a solidariedade nacional como múltiplos entendimentos em colisão.

Como essas novas diásporas se cruzam com seus países de destino, com sua terra de origem, suas distantes relações com

outras partes do mundo ou com as gerações mais antigas de migrações anteriores de sua terra natal? Como a existência das diásporas afeta a política das nações? Estas nações se aproximam dos antigos patrícios, que agora vivem em países mais ricos, em busca de ajuda financeira, ou lhes permite o direito de votar nos assuntos internos? As populações minoritárias podem alavancar a posição de suas nações ancestrais para se posicionarem de forma mais favorável nos negócios? Quando um terremoto devastou o Haiti, em 2010, um coletivo internacional de afrodescendentes poderia ter mobilizado ajuda imediata para o único país onde os africanos haviam derrotado seus escravizadores? A diáspora tem muitas implicações, daí a necessidade de uma compreensão profunda de como elas se formam e operam, mas esse estudo é complicado pelo fato de que muitas diásporas foram estudadas isoladamente. Como mencionado acima, há uma fartura de literatura sobre a diáspora nas experiências judaica, africana ou armênia; como cada uma dessas histórias nos ajuda a entender a diáspora como uma forma específica de comunidade humana? Neste e nos capítulos seguintes, usamos o prisma da diáspora africana como um instrumento para explorar as complexidades da diáspora e, assim, compreender melhor essas comunidades que se tornam cada vez mais uma alternativa ao Estado-nação.

Os seres humanos têm estado em movimento perpétuo desde o início dos tempos, mas nem todos os seus movimentos resultaram em diásporas. De certa forma, toda a humanidade faz parte de uma grande diáspora africana proveniente das migrações originais do Chifre da África. No entanto, o termo “diáspora” teve uso relativamente limitado até a década de 1980, quando passou a ser adotado para descrever tantos grupos e situações – e até mesmo uma bebida popular – que o editor Khachig Tölöyan começou a rastrear suas referências na revista *Diaspora*<sup>5</sup>.

As diásporas tomam seus nomes de diferentes bases de identidade, que podem ser religiosas, como no caso da diáspora judaica; baseadas na nação, como a indiana; étnica ou culturalmente referenciada, como a sikh; regional, como a do Caribe; ou relativas ao continente, como no caso africano. Algumas diásporas tomam seu nome dos eventos que precipitaram sua dispersão, como o “Katrina”, que emergiu das inundações que se seguiram ao furacão de 1995 em New Orleans. Outras ainda,

como as diásporas *queer*, se baseiam em outra identidade coletiva transnacional.

*Estudar global  
"é diáspora"*

Talvez a era digital possa ser considerada como a era da diáspora, embora muitos fatores tenham contribuído para a proliferação de comunidades autodenominadas diaspóricas. Novas tecnologias de transporte e comunicação, divisão geopolítica, reestruturação da economia global e padrões de guerra que criam grandes populações de refugiados e exilados transformaram o mundo, de modo que cada vez menos pessoas vivem hoje na terra de seus antepassados. Alguns podem argumentar que o Estado-nação, em si, está em crise, pois as afinidades pessoais são cada vez mais definidas em termos de etnias “tribais”<sup>6</sup>. Seja qual for a causa principal, as comunidades etnonacionais geram cada vez mais conjuntos de estudos que adotam o constructo diáspora.

Ao lado das diásporas recém-criadas, as comunidades que os acadêmicos já rotulavam de imigrantes, nômades ou exilados também começaram a se chamar diásporas<sup>7</sup>. Por exemplo, Dipankar Gupta refere-se aos punjabis que se mudaram para Delhi depois de 1947 como “esses refugiados ou a população da diáspora”<sup>8</sup>. Às vezes, essa reorientação da identidade surge na própria comunidade. James Clifford observa que povos oprimidos que uma vez conceberam sua situação no contexto de relações de poder da “maioria-minoria” estão agora abraçando o discurso da diáspora como uma alternativa<sup>9</sup>. De fato, os afrodescendentes na Índia, que anteriormente articulavam suas lutas contra a discriminação no bojo de outras minorias indígenas “intocáveis”, como os dalits, descobriram novas possibilidades em ser parte de uma diáspora africana maior<sup>10</sup>.

*o termo  
vive  
conforme  
seu desejo*

A adesão a uma diáspora, agora, implica num potencial empoderamento baseado na capacidade de mobilizar apoio e influência internacionais, tanto na terra de origem quanto na de destino. Essas conceituações mais recentes da diáspora como empoderadora distanciam-se das ênfases anteriores, que tinham um sentido de impotência, saudade, exílio e deslocamento, associados ao tropo judeu. As novas pesquisas acadêmicas em campos de estudos como a diáspora *queer* desorganizam a centralidade da terra de origem geográfica e construções implícitas de gênero e heteronormatividade que escondem toda uma gama de pessoas e ações que participam dos processos da diáspora<sup>11</sup>. Além disso,

boa parte da proliferação de usos desse termo explica-se pelas tendências de sua popularidade na academia. Quando há recursos disponíveis para conferências, bolsas e programas de estudo, são incentivadas pesquisas ampliadas sobre estudos de diáspora.

Os estudiosos da diáspora estão testemunhando e participando do surgimento de uma nova linha de investigação intelectual. Por isso é importante avançar para uma epistemologia que articule teoria e metodologia, além de trabalho empírico. Dada a diversidade de perspectivas sobre esse campo, é útil começar por explorar algumas definições básicas.

*Epistemologia  
Definições básicas  
origem  
metáfora  
biológica*

Na sua mais simples acepção, diáspora é a dispersão de pessoas de sua terra de origem. Na palavra grega *diaspora* (*διασπορά*), é a raiz *spr-* (*σπρ*) que se refere a essa dispersão seminal, a mesma que aparece em outras palavras indo-europeias, como “espalhar”, “espertos” e “esperma”. Um conceito derivado da biologia e da botânica aplicado às comunidades humanas, como recordou a plataforma de mídia social DiasporabR, com sua metáfora do dente-de-leão<sup>12</sup>. Então, incorporada na palavra diáspora está uma imagem de gênero arraigada no papel masculino na criação, que privilegia a dispersão física. Seguir essa metáfora através de suas implicações ampliadas nos dá uma visão do que as noções tradicionais da diáspora destacam ou não. A metáfora biológica central está incompleta sem o acolhedor útero materno da mãe terra, sem o qual das sementes nada poderia nascer. Em outras palavras, o projeto de formação da diáspora vai além dos indivíduos que viajam; é também inseparável dos espaços fixos onde pessoas dispersas chegam para recriar comunidade e vínculos, bem como das memórias e dos relacionamentos contínuos e persistentes com os lugares de onde partiram. Nesse processo, a transmissão de identidade, cultura e comunidade envolve milhares de interações com mulheres e homens que podem nunca deixar os lugares onde nasceram. Os indivíduos desempenham múltiplos papéis na formação da diáspora quando se movem através de espaços sociais fluidos. A diáspora envolve tanto ir quanto permanecer, uma simbiose de conceitos considerados tipicamente opostos, mas sem os quais ela não poderia existir. O conceito de movimento dinâmico entre espaços – físicos ou não – é essencial para a diáspora e sua epistemologia. (Talvez esse elemento estimulante da diáspora possa ampliar a metáfora para incluir o sexo, mas proponho esse projeto a mentes mais literárias.)

*Gênero*

A metáfora biológica privilegia algumas narrativas específicas de migração, obscurecendo o fato de que a maioria das diásporas se formam através de diversas formas e condições de movimento. Quando analisamos mais acuradamente essa diversidade, nos aproximamos de uma compreensão mais nuançada de considerações como gênero na elaboração da diáspora. Não só as pessoas de todos os gêneros viajam como também participam de formas de interação diferenciadas por gênero. Por exemplo, em seu estudo dos concursos de beleza da diáspora chinesa, Lok Siu observou como os organizadores do desfile do sexo masculino e as participantes femininas contribuíram para a formação da identidade de diáspora chinesa de maneiras distintas<sup>13</sup>. Nas sociedades escravistas das Américas, a mobilidade das mulheres vendedoras contribuiu para a formação da identidade coletiva de africanos escravizados de várias nacionalidades – talvez uma incubadora de solidariedade mais constante e disseminada do que as alianças estratégicas masculinas organizadas a intentar revoltas escravas<sup>14</sup>. Além disso, devemos observar a heteronormatividade implícita na palavra diáspora, e as restrições que isso pode colocar para a apreciação das diversas formas pelas quais elas podem começar a dar seus primeiros passos. A diáspora, portanto, engloba muitos tipos de atores e interações além do que está implícito em suas metáforas mais antigas.

Outra atenção necessária no estudo comparativo das diásporas é para a importância de contextualizá-las dentro das grandes forças sociopolíticas e econômicas globais que as geram e sustentam. Por exemplo, a expansão do comércio de longa distância pelos árabes muçulmanos após o século VIII criou mercados para o tráfico de africanos escravizados em todo o Saara, na Arábia e na Ásia. Isso deu origem à diáspora africana no mundo do Oceano Índico. Da mesma forma, o surgimento do mercantilismo europeu não só alimentou a escravidão africana no Atlântico, como financiou o capitalismo que levou à colonização da África. Hoje, conexões de longa data com os estados europeus têm assegurado novas ondas de migrações de africanos que buscam desfrutar dos benefícios da riqueza produzida em suas terras e pelo trabalho de seus ancestrais dispersos. Além disso, o surgimento do racismo científico e da supremacia branca continua a afetar a identidade e as solidariedades coletivas na diáspora africana.

Compreender essas histórias e contextos transnacionais ajuda a analisar as relações entre as diásporas, como no exemplo das europeias e africanas que se encontraram na São Paulo do início do século XX. Embora tenha observado aqui pontos particulares de comparação entre as diásporas, essas dinâmicas globais são um elemento essencial na análise da diáspora em geral.

A compreensão do termo “diáspora” baseou-se tradicionalmente em modelos retirados de experiências específicas, com a intenção de discernir suas características marcantes. Por exemplo, o deslocamento forçado foi tão crucial na história das diásporas judaicas e africanas que muitos o consideram uma característica determinante. No que chamo de abordagem etnográfica para a definição das diásporas, as interpretações são adaptadas para o grupo específico em estudo, aceitando como normativos certos elementos que talvez não se apliquem a todas as diásporas. No caso da africana, porque a escravidão foi a causa esmagadora da dispersão, seus estudiosos tenderam a desconsiderar a distinção, utilizada nas diásporas judaicas, entre o exílio forçado (*galut*) e a dispersão voluntária (*tefutzot*)<sup>15</sup>. A centralidade da discriminação na experiência das diásporas africanas e judaicas pareceu sugerir que a subalternidade fosse uma característica definidora de todas elas. No entanto, também é possível haver diásporas imperialistas ou conquistadoras, bem como diásporas cujas comunidades têm *status* muito diferentes nos vários países onde vivem<sup>16</sup>. Mesmo a distinção entre movimento forçado e voluntário é embacada pelos casos daqueles que são pressionados a se mudar por perseguição, desespero econômico, guerra ou algum outro trauma. Assim, a natureza particular do deslocamento das diásporas judaicas ou africanas não é necessariamente a mesma para todas, ou mesmo para todos os indivíduos dentro de uma única diáspora.

A vantagem das definições etnográficas de diáspora foi a contribuição de facetas particulares de suas experiências para uma compreensão geral. Por exemplo, na diáspora armênia, os estudiosos diferenciaram uma simples identidade étnica baseada no nascimento versus um envolvimento ativo na diáspora. Isso chamou a atenção para uma distinção semelhante na basca e, em última análise, para o significado de nutrir ativamente um senso de comunidade, particularmente em relação à decisão e à elaboração de políticas, como um aspecto-chave da diáspora<sup>17</sup>. Para a diáspora

A metáfora biológica privilegia algumas narrativas específicas de migração, obscurecendo o fato de que a maioria das diásporas se formam através de diversas formas e condições de movimento. Quando analisamos mais acuradamente essa diversidade, nos aproximamos de uma compreensão mais nuancada de considerações como gênero na elaboração da diáspora. *Gênero* Não só as pessoas de todos os gêneros viajam como também participam de formas de interação diferenciadas por gênero. Por exemplo, em seu estudo dos concursos de beleza da diáspora chinesa, Lok Siu observou como os organizadores do desfile do sexo masculino e as participantes femininas contribuíram para a formação da identidade de diáspora chinesa de maneiras distintas<sup>13</sup>. Nas sociedades escravistas das Américas, a mobilidade das mulheres vendedoras contribuiu para a formação da identidade coletiva de africanos escravizados de várias nacionalidades – talvez uma incubadora de solidariedade mais constante e disseminada do que as alianças estratégicas masculinas organizadas a intentar revoltas escravas<sup>14</sup>. Além disso, devemos observar a heteronormatividade implícita na palavra diáspora, e as restrições que isso pode colocar para a apreciação das diversas formas pelas quais elas podem começar a dar seus primeiros passos. A diáspora, portanto, engloba muitos tipos de atores e interações além do que está implícito em suas metáforas mais antigas.

*① Contexto sociopolítico e econômico* Outra atenção necessária no estudo comparativo das diásporas é para a importância de contextualizá-las dentro das grandes forças sociopolíticas e econômicas globais que as geram e sustentam. Por exemplo, a expansão do comércio de longa distância pelos árabes muçulmanos após o século VIII criou mercados para o tráfico de africanos escravizados em todo o Saara, na Arábia e na Ásia. Isso deu origem à diáspora africana no mundo do Oceano Índico. Da mesma forma, o surgimento do mercantilismo europeu não só alimentou a escravidão africana no Atlântico, como financiou o capitalismo que levou à colonização da África. Hoje, conexões de longa data com os estados europeus têm assegurado novas ondas de migrações de africanos que buscam desfrutar dos benefícios da riqueza produzida em suas terras e pelo trabalho de seus ancestrais dispersos. Além disso, o surgimento do racismo científico e da supremacia branca continua a afetar a identidade e as solidariedades coletivas na diáspora africana.

Compreender essas histórias e contextos transnacionais ajuda a analisar as relações entre as diásporas, como no exemplo das europeias e africanas que se encontraram na São Paulo do início do século XX. Embora tenha observado aqui pontos particulares de comparação entre as diásporas, essas dinâmicas globais são um elemento essencial na análise da diáspora em geral.

A compreensão do termo “diáspora” baseou-se tradicionalmente em modelos retirados de experiências específicas, com a intenção de discernir suas características marcantes. Por exemplo, o deslocamento forçado foi tão crucial na história das diásporas judaicas e africanas que muitos o consideram uma característica determinante. No que chamo de abordagem etnográfica para a definição das diásporas, as interpretações são adaptadas para o grupo específico em estudo, aceitando como normativos certos elementos que talvez não se apliquem a todas as diásporas. No caso da africana, porque a escravidão foi a causa esmagadora da dispersão, seus estudiosos tenderam a desconsiderar a distinção, utilizada nas diásporas judaicas, entre o exílio forçado (*galut*) e a dispersão voluntária (*tefutzot*)<sup>15</sup>. A centralidade da discriminação na experiência das diásporas africanas e judaicas pareceu sugerir que a subalternidade fosse uma característica definidora de todas elas. No entanto, também é possível haver diásporas imperialistas ou conquistadoras, bem como diásporas cujas comunidades têm *status* muito diferentes nos vários países onde vivem<sup>16</sup>. Mesmo a distinção entre movimento forçado e voluntário é embaçada pelos casos daqueles que são pressionados a se mudar por perseguição, desespero econômico, guerra ou algum outro trauma. Assim, a natureza particular do deslocamento das diásporas judaicas ou africanas não é necessariamente a mesma para todas, ou mesmo para todos os indivíduos dentro de uma única diáspora.

A vantagem das definições etnográficas de diáspora foi a contribuição de facetas particulares de suas experiências para uma compreensão geral. Por exemplo, na diáspora armênia, os estudiosos diferenciaram uma simples identidade étnica baseada no nascimento *versus* um envolvimento ativo na diáspora. Isso chamou a atenção para uma distinção semelhante na basca e, em última análise, para o significado de nutrir ativamente um senso de comunidade, particularmente em relação à decisão e à elaboração de políticas, como um aspecto-chave da diáspora<sup>17</sup>. Para a diáspora

africana, o foco foi na mudança insuficientemente teorizada, mas importante, da condição de dispersão causada pela escravidão para a de mobilização de uma diáspora politizada a partir do final do século XIX, com o surgimento de organizações pan-africanistas e da grande diáspora, como a UNIA de Marcus Garvey.

Apesar dessas frutíferas percepções, houve limitações para definir a diáspora exclusivamente com base em experiências específicas. Com as definições mudando a cada novo grupo que adotava o termo, a construção da diáspora estava se tornando muito fluida para servir como uma categoria funcional de análise aos estudiosos que buscam entender melhor o fenômeno em si. Era necessária uma definição que transcendesse histórias específicas e nos permitisse fazer uma análise comparativa sistemática das diásporas que pudessem ser diferentes entre si em termos do período histórico em que surgiram, da dimensão e da base da identidade do grupo (isto é, política, racial, religiosa).

Com esse objetivo, estudiosos comparativistas começaram a identificar características compartilhadas por todas as diásporas. Existem, de fato, características únicas que as diferenciam de outros tipos de migração, e que possibilitam determinados tipos de políticas e identidades individuais e coletivas.

Numa seleção da literatura sobre as definições da diáspora, parece haver várias características com as quais a maioria dos estudiosos concorda:

1. Dispersão por vários locais: em contraste com o conceito de uma migração de um único ponto de origem para um novo destino, a palavra “diáspora” implica uma dispersão por várias áreas, como está implícito nas palavras que compartilham a raiz *spr-*. Esse tipo específico de dispersão é uma condição prévia necessária à formação de ligações entre as várias populações na diáspora. As redes internas que ligam os vários segmentos de uma diáspora são uma característica única que as diferencia das comunidades que resultam de outros tipos de migrações.
2. Relacionamento com a terra de origem: embora alguns estudiosos tenham indicado um tipo específico de relacionamento, como, por exemplo, o desejo de retornar, as condições da diáspora são tão diversas e envolvem trajetórias tão complexas

que é impossível usar qualquer tipo de relação como uma característica definidora. Em vez disso, é mais útil considerar que as diásporas terão algumas relações, tipicamente multifacetadas, com a sua terra de origem. É importante notar que essa terra de origem pode não existir mais na sua forma original, e que algumas deixam de existir completamente. No entanto, o vínculo compartilhado com a terra de origem é uma base significativa a partir da qual a identidade da diáspora pode se desenvolver<sup>18</sup>.

3. Identidade coletiva: a autoconsciência de um grupo da diáspora como um coletivo vincula as pessoas não só à terra de origem, mas tambémumas às outras. Especialmente nos casos de diásporas cuja terra de origem já não existe mais, ou que dela estão separadas por muitas gerações, esse elemento de identidade conscientemente mantido e construído tem sido fundamental para sua sobrevivência como unidade cultural. Assim, embora todas as diásporas possam ser “comunidades imaginadas”, apenas as comunidades imaginadas de determinada maneira são diásporas.
4. Existência ao longo de múltiplas gerações: os grupos dispersos de sua terra de origem, mas capazes de retornar dentro de uma geração, podem ser melhor entendidos como um exílio temporário do que uma diáspora, embora possam experimentar todos os outros elementos mencionados acima. Os complexos processos da diáspora são multigeracionais e combinam experiências de migração individuais com a história coletiva de dispersão grupal e regênese de comunidades no exterior. As estruturas para a análise da diáspora precisam incorporar ambas.

## COMPLICANDO A DIÁSPORA

Embora esse *checklist* possa ser um ponto de partida útil e necessário, apresenta contudo certos problemas. Como a abordagem etnográfica, ele enraíza o conceito de diáspora no próprio grupo e, por extensão, tende a reificar sua identidade. Essa abordagem é insustentável porque as identidades nunca são estáveis; diferentes características intrínsecas tornam-se salientes a depender

dos contextos com que pessoas e grupos se identificam. Mesmo em diásporas singulares, identidades simultâneas são possíveis<sup>19</sup>. Isso é particularmente evidente nos estudos da diáspora africana, que fornece um instrutivo exemplo para essa discussão.

Um afrodescendente nascido na Jamaica é parte da diáspora *africana*. Ao se mudar para a Inglaterra, ele ou ela junta-se a uma diáspora *caribenha* na Inglaterra, embora ainda mantenha adesão à diáspora africana. Como, então, esse imigrante jamaicano relaciona-se com os africanos continentais residentes na Inglaterra, mesmo sendo também parte de uma diáspora africana? Não existe ainda uma diáspora *jamaicana* na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Canadá e em outros lugares? Como essa diáspora jamaicana do século XXI conecta-se com migrações anteriores de jamaicanos para o Panamá, Costa Rica e Cuba? A definição da identidade dessa pessoa como parte de uma diáspora africana indiferenciada não leva em consideração a complexidade das múltiplas identidades. A relevância de cada uma delas em qualquer momento é condicionada por exigências sociopolíticas. Nem esse indivíduo pode ser exclusivamente considerado como parte de uma diáspora do Caribe, nem mesmo jamaicano. As conceitualizações da diáspora devem ser capazes de acomodar as múltiplas identidades e as fases da “diasporização” ao longo do tempo.

Essa complexidade nos leva a um problema adicional e mais fundamental que descrevi como uma abordagem etnográfica para a definição das diásporas. Ela ancora o trabalho do estudioso na observação dos grupos e não nos dinâmicos processos sociais da “diasporização” no bojo dos quais esses grupos são criados<sup>20</sup>. Existe também o risco de caminhar na direção de uma “diáspora” essencializada, como um rótulo étnico e não como um instrumento de análise. Meu objetivo, ao buscar as qualidades únicas que as diferenciam de outros tipos de comunidades, é avançar em direção a uma epistemologia dos estudos da diáspora. Um instrumento com o qual comparar uma diáspora à outra nos permite ver melhor os padrões da “diasporização”. Para mim, os estudos da diáspora transcendem o grupo em questão para elucidar a forma como as diásporas funcionam como um tipo particular de formação de comunidade na história humana.

As diásporas desafiam trajetórias simples; enquanto antes muitos discursos se concentraram nas raízes e nas terras de origem,

estudos acadêmicos sobre a diáspora africana abriram novas possibilidades de exploração dos rizomas como metáfora para ela<sup>21</sup>. Na botânica, rizoma refere-se a raízes que crescem na superfície e de múltiplas fontes, e não para baixo e de uma única fonte. Evocados por escritores como Édouard Glissant, os rizomas expressaram o dinamismo da diáspora como processo, em vez de definições estáticas da diáspora como uma comunidade fixa com uma única narrativa dominante<sup>22</sup>. Para o foco particular deste livro, a metáfora dos rizomas captura com mais precisão a natureza complexa da diáspora africana, com dispersões em massa oriundas de muitas terras distintas do continente africano. Embora outras diásporas, como a Indiana e a chinesa, possam diferir da africana, porque são nações únicas capazes de produzir as políticas em relação às suas diásporas, também para elas a metáfora dos rizomas tem aplicabilidade por causa da diversidade dos espaços nessas nações que contribuem para as respectivas diásporas<sup>23</sup>.

Os rizomas também invocam a constante transformação e a fluidez de um organismo vivo em incessante movimento. Por isso, nenhuma compreensão rigorosa da diáspora pode ser estática; a diáspora desafia a academia a desenvolver novas linguagens e metodologias que reflitam mais precisamente a fluidez das identidades pessoais e das comunidades sociais. Como as raízes e as rotas, a diáspora também exige que os estudiosos possam abordar simultaneamente a estabilidade e o movimento, a unidade e a diversidade, o caos e a ordem, e outros conceitos opostos, mas complementares<sup>24</sup>.

## RUMO A UMA TEORIA E A UMA METODOLOGIA DE ESTUDOS COMPARATIVOS DE DIÁSPORA

O objetivo de esboçar e comparar certos fundamentos da diáspora é destacar características que não seriam tão visíveis sem essa perspectiva comparativa. Conforme mencionado acima, por exemplo, o fortalecimento da consciência de pertencimento à diáspora com base na participação ativa, que recebeu atenção na diáspora armênia, ajudou a revelar dinâmicas semelhantes em outras diásporas. O instrumento da diáspora abre novos tipos de questões que não são necessariamente relevantes para histórias

nacionais. Como as diásporas moldam suas histórias de origem ou lógicas de pertencimento ao grupo? Por que isso é importante? Como elas têm sido usadas? Por que elas podem variar, ou manter elementos constantes, em todas elas? Olhando mais diretamente para a diáspora africana no Brasil, como se delinearam os relacionamentos com outras comunidades da diáspora africana e como esse processo afetou não só as trajetórias da história afro-brasileira, mas também os modos como os afrodescendentes se veem? Os afro-brasileiros enfrentaram problemas com a autodeterminação, o racismo, a supremacia branca e a manutenção de conexões com a herança africana, semelhantes a seus pares em outras partes da diáspora africana. Como comparar suas histórias?

Se quisermos entender a diáspora como um fenômeno, é importante ter uma estrutura conceitual para estudar comparativamente diásporas distintas. Uma vez que um grupo é identificado como “uma diáspora”, podemos ir além de categorizar qualquer estudo sobre esse grupo como “estudos da diáspora”. No entanto, isso é simplesmente uma etnografia com outro nome. Deixe-me ressaltar que esse não é um julgamento do mérito intrínseco de qualquer linha de indagação. Tal como acontece com qualquer abordagem metodológica ou disciplinar particular, a abordagem analítica deve ser relevante para questões específicas de pesquisa. Os estudos da diáspora com o modo de análise fazem (pelo menos) duas coisas: 1. destacam aspectos da experiência e da identidade que derivam da diáspora; e 2. iluminam como as diásporas funcionam enquanto uma forma de comunidade humana.

A população negra do Brasil, por exemplo, pode ser estudada em muitos contextos, não necessariamente com foco nas características da diáspora. Pode ser considerada nos contextos das histórias coloniais portuguesas, afro-atlânticas, brasileiras ou latino-americanas. Alguns africanistas têm argumentado que a diáspora faz parte da extensa história da África<sup>25</sup>. Embora eu não concorde que essa seja uma abordagem exclusiva, a história afro-brasileira é, em muitos aspectos, uma parte intrínseca da história da África, como é claramente exemplificado pelas comunidades brasileiras de retornados na África Ocidental<sup>26</sup>. No entanto, todos esses contextos são distintos e fundamentalmente diferentes da análise que quer iluminar as experiências

dos brasileiros de ascendência africana como parte da diáspora africana global.

Para melhor entender a natureza das diásporas, ou analisar de uma perspectiva original qualquer comunidade diaspórica, o estudo transnacional comparativo é essencial. Isso muitas vezes é desafiador devido ao escopo da pesquisa, à destreza com idiomas estrangeiros e a organização tradicional da formação de pós-graduação. As comparações dentro de diásporas únicas não precisam limitar-se à consideração de diferentes locais geográficos; podem também incluir as ondas de migrações mais novas *versus* as mais antigas, ou como a ideologia, o gênero, a sexualidade, a idade, a deficiência física ou a classe podem fazer com que os indivíduos vivenciem a diáspora de maneiras diferentes.

A comparação entre diásporas distintas ajuda a iluminar como funcionam enquanto formas de comunidade e como existiram de várias maneiras ao longo da história. Para isso é necessário ter pontos comuns de comparação. O projeto britânico “Diásporas, Migração e Identidades”, iniciado em 2005, considerou 29 questões estruturais/conceituais enfrentadas pela maioria das diásporas, incluindo exílio, sexualidade, cultura material e mídia<sup>27</sup>. Essas questões distintas abordam o que eu propus em um trabalho anterior como quatro processos gerais comuns a todas as diásporas, que podem ser comparados como um passo para uma melhor compreensão do seu fenômeno:

1. a principal dispersão: causas, condições e narrativas;
2. relacionamento com a terra de origem;
3. relacionamento com terra de destino;
4. inter-relações dentro das comunidades da diáspora<sup>28</sup>.

Ao enquadrar essas categorias de forma geral, estou deliberadamente partindo de abordagens que especificam a natureza de relacionamentos particulares. Por exemplo, muitos autores citam as tensões entre o grupo da diáspora e as novas áreas de destino como uma característica definidora, mas claramente nem todas as pessoas em todas as diásporas necessariamente terão esse tipo de relação<sup>29</sup>. No entanto, existem muitas maneiras por meio das quais estudiosos trabalham esses assuntos de uma perspectiva comparativa nos estudos diaspóricos. Por exemplo, Gabriel Sheffer

considera o *status* da terra de origem como um dos fatores distintivos cruciais das diásporas, observando a diferença entre as diásporas com estados de origem estabelecidos *versus* aquelas que não os têm. Stéphane Dufoix, em seu esboço sobre quatro modalidades da diáspora, analisa simultaneamente as relações entre elas, com as terras de origem e de destino e as relações internas<sup>30</sup>.

Sua abordagem ressalta a interconectividade desses processos, o que é útil para o estudo da diáspora africana. É claro que toda comunidade de afrodescendentes nas Américas opera claramente dentro das estruturas políticas de suas respectivas nações. No entanto, seus papéis nessas sociedades também são condicionados por fatores como a sua experiência de dispersão, os tipos de relações que elas têm com a África e o poder relativo dos Estados africanos, e suas interconexões com outras pessoas de ascendência africana. Essas experiências também podem ser comparadas com as de outros cidadãos de outras diásporas. Por exemplo, as trajetórias das comunidades das diásporas alemã, japonesa, italiana ou síria em São Paulo foram profundamente afetadas por suas respectivas histórias de formação e podem ser comparadas com as trajetórias das comunidades da diáspora africana no Brasil.

Pontos semelhantes proporcionam um denominador comum que nos permite comparar diásporas de tamanho variável. Algumas são bastante pequenas. No Brasil, a cidade de Governador Valadares gerou, reconhecidamente, sua própria diáspora nos Estados Unidos e fora, semelhante a cidades como Kingston na Jamaica ou a estados como Michoacán no México<sup>31</sup>. É possível estudar cada uma delas enquanto diáspora por si só, como segmentos de outras diásporas maiores e comparando umas com as outras. Outras diásporas, como as africanas ou indianas, são muito maiores em escala, com muito mais segmentação e migrações subsequentes ao longo do tempo. Embora a maioria dos estudos acadêmicos concentre-se em diásporas únicas, o estudo comparativo é fundamental para refinar nossa compreensão delas como fenômeno. Nesse sentido, é útil identificar pontos comuns para comparação entre todas elas. A seção a seguir examina de perto os quatro processos de diáspora em geral compartilhados acima mencionados.

### *A Dispersão: Narrativas e Histórias*

Existem diferenças fundamentais entre diásporas formadas por traumas de guerra e escravização *versus* as formadas pela conquista e pelo imperialismo? Muitos estudos iniciais comparativos de diáspora, incluindo os meus, procuraram estabelecer tipologias com base na dispersão inicial<sup>32</sup>. Narrativas dominantes sobre essa dispersão fixaram a identidade das diásporas com um bem estabelecido repertório de estudos, como sobre a escravização africana, o exílio judeu e o genocídio armênio. No entanto, essas narrativas obscurecem o fato de que as diásporas envolvem uma variada gama de migrações e condições ao longo do tempo. Por exemplo, rotular a diáspora africana de “vítima” complica a consideração das elites educadas, sobreviventes de guerra e refugiados econômicos que compõem as vagas mais recentes da diáspora africana contemporânea, ou mesmo figuras históricas como Juan Garrido, um dos africanos nas primeiras forças espanholas que conquistaram terras indígenas nas Américas e no Caribe<sup>33</sup>. É importante reconhecer que os processos históricos reais de dispersão podem ser muito mais complexos do que a narrativa adotada pelo grupo como sua história de origem, incluindo o exílio voluntário, as redes comerciais, a construção do império ou o resultado cumulativo de muitas migrações individuais. Muitas vezes, vários tipos de migração são combinados dentro de uma única diáspora. O estudo comparativo pode ajudar a situar a importância da “diasporização” seminal em outras migrações secundárias dentro de uma diáspora.

Dito isso, muitas diásporas têm uma dispersão principal, cujas razões e condições ressoam por gerações e definem um *éthos* e uma identidade. A remoção de um número maciço de pessoas de uma determinada sociedade e sua transferência para outra é necessariamente traumática e tipicamente ocorre em circunstâncias extraordinárias. Os tipos mais extremos de dispersão são movimentos forçados de grupos em massa, como no caso dos africanos, dos armênios e dos judeus, ou outros traumas como a guerra ou o colapso do Estado. Os graus de volição e as circunstâncias da dispersão importam, porque cada um resulta em um tipo diferente de relação entre as diásporas, sua terra de origem e as sociedades aonde se destinaram.

Ao invés de tentar definir qualquer diáspora como única com base em sua narrativa de dispersão original, pode ser mais útil considerar os tipos de perguntas que iluminam as diversas condições de dispersão e suas implicações. Por que essas pessoas se moveram? Que segmentos da sociedade partiram para constituir a diáspora? Um povo que é expulso desenvolverá necessariamente um *éthos* cultural diferente daqueles que fogem ou que são levados como cativos. Um grupo que sai em massa também difere de um grupo que se constitui gradualmente num prolongado período de emigrações individuais. Que condições internacionais ajudaram a determinar a natureza da dispersão e os lugares de destino<sup>34</sup>?

Embora a história da dispersão formativa seja fundamental para a compreensão de qualquer dada diáspora, existem algumas comunidades transnacionais cuja dispersão pode se concentrar numa migração de cultura ao invés de física. O caso da diáspora iorubá ilustra como esse processo inter-relacionado pode às vezes divergir. Iorubá é o nome étnico moderno para os descendentes do Império de Oió e de outras cidades com ligações ancestrais com Ilê-Ifé, no que é hoje o sudoeste da Nigéria. As guerras que dizimaram o Império de Oió, no século XVIII e início do século XIX, levaram à captura e escravização de milhares de pessoas. Enquanto alguns encontraram refúgio em estados africanos vizinhos, outros milhares foram levados por navios negreiros com destino principalmente a Cuba e ao Brasil. Alguns desses navios foram interceptados em alto-mar, e seus cativos foram reassentados em possessões britânicas em Serra Leoa e na Ilha de Santa Helena. Mais tarde, os iorubás dessas possessões foram transferidos para a Jamaica.

Desde então, eles impactam profundamente as culturas americanas e caribenhas. Importantes aspectos de sua cultura e visões de mundo, especialmente concepções e formas sagradas, foram adotados não apenas por outros afrodescendentes, mas também por indivíduos de ascendência europeia, asiática e indígena americana – a “crioulização” cultural, por excelência, que marca a história americana e caribenha<sup>35</sup>. Ao longo do século XX, muitos estudiosos observaram as semelhanças entre as comunidades espirituais de base iorubá, conexões culturais que se concretizaram em uma série de conferências internacionais de iniciados iorubás. Hoje, os adeptos das tradições Oió/iorubá criaram uma

comunidade espiritual transnacional muito ativa e interligada<sup>36</sup>. Embora possam se considerar culturalmente iorubás, talvez apenas uma pequena fração tenha laços ancestrais com as cidades de Oió e Ilê-Ifé, de onde derivam essas tradições. Assim, existe uma diáspora cultural iorubá, ao lado de uma diáspora ancestral iorubá.

Esse caso também suscita a questão de se as religiões, à medida que se espalham por novas partes do globo, podem ser estudadas numa estrutura diaspórica. Cohen argumenta que “as religiões podem proporcionar uma ligação adicional a uma consciência de diáspora, mas não se constituem diásporas por si mesmas”. Talvez o assunto mais relevante seja o tipo de trabalho interpretativo que a análise da diáspora proporciona. Para os iorubás transnacionais, os estudiosos têm usado a diáspora para interrogar os meandros das trocas culturais e da transformação da religião à medida que suas diásporas culturais e ancestrais começaram a se intersectar<sup>37</sup>. Os iorubás nigerianos agora interagem regularmente com comunidades sagradas de fundamento iorubá em lugares como Cuba, Estados Unidos e Brasil; eles, por sua vez, interagem entre si, continuamente circulando e adaptando ideias sobre tradições e ortodoxias sociorreligiosas. Assim, os estudiosos estão trabalhando simultaneamente com as relações com a terra ancestral (Nigéria), as relações com outras comunidades da diáspora e as formas como esses diálogos informam o que acontece em “casa”. Seus trabalhos demonstram que uma estrutura de diáspora pode ser aplicada de forma significativa ao estudo da dispersão de uma comunidade ideológica ou cultural e seu subsequente desenvolvimento transnacional, como é exemplificado também por uma crescente literatura sobre diásporas queer.

Se há ou não uma diferença fundamental entre as diásporas com base em complexos ideológicos, amplamente definidos como cultura, e aquelas baseadas na ascendência é um aspecto útil, mas importante, para nossa compreensão das diásporas. Ambas são frutos de dispersões – de pessoas, ideias e culturas – com a diferença de que a capacidade dos indivíduos de se “ligar” às diásporas ideológicas possibilita trajetórias históricas bastante diferentes das que são possíveis para as diásporas definidas estreitamente por movimentos geográficos. A esse respeito, faço uma distinção entre a difusão de ideias, que pode envolver pessoas

não relacionadas a uma diáspora física, e os processos pelos quais as pessoas carregam e reformulam ideologias nos contextos históricos e geográficos específicos do movimento da diáspora. De qualquer forma, as narrativas que criamos em torno de histórias particulares ajudam a conceber as identidades centrais das diásporas. As razões pelas quais as facetas particulares da dispersão tornam-se o cerne da identidade coletiva revelam muito sobre os usos estratégicos da diáspora, tema do próximo capítulo<sup>38</sup>.

### *Relacionamento Com a Terra de Origem*

Os motivos e as condições da relocação necessariamente afetam as relações subsequentes entre os povos da diáspora e sua terra de origem. Como a diáspora surge, muitas vezes, de condições extremamente traumáticas, é comum que a terra de origem não exista mais, ou que tenha mudado dramaticamente. No entanto, esse conceito, terra de origem, desempenha um papel central na base compartilhada da identidade coletiva da diáspora, distinguindo-a de grupos como os nômades. Embora as diásporas também possam compartilhar fontes complementares de marcadores comuns de identidade (linguagem, religião, fenótipo, por exemplo), que são componentes típicos da etnia, a terra de origem é a âncora da identidade da diáspora. Esse vínculo com o lugar é uma marca que a diferencia daquelas comunidades transnacionais cuja identidade étnica pode se formar a partir de uma gama de variáveis. Para diásporas, o lugar (geografia) é importante. Conforme mencionado acima, existem algumas comunidades transnacionais que não se originaram da migração de uma terra de origem comum. No entanto, as relações com a terra de origem são componentes essenciais da diáspora.

A que ponto a diáspora participa dos assuntos da terra de origem? Qual é o fluxo de influência política e programática em ambas as direções entre ela e a terra de origem? Como as mudanças no poder e nos recursos afetam os relacionamentos entre a terra de origem e a de destino? Essas questões ressaltam a necessidade de considerar diacronicamente as relações entre as diásporas e as terras de origem, pois suas dinâmicas estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo. Além disso, esses

relacionamentos podem diferir de um segmento da diáspora para outro. Nem todos os membros de uma diáspora terão os mesmos tipos de relacionamentos com a sua terra de origem.

Há uma passagem estreita que sai do armazém de escravos e leva ao mar de Cape Coast, em Gana, que se mantém como uma metáfora física para uma das facetas centrais da relação com a terra de origem. Esse umbral que levava às pranchas de embarque dos navios negreiros é chamado de “porta do não retorno”, pois foi por ali, e por muitos outros portais similares ao longo da costa atlântica, que milhões de africanos entraram na diáspora. Pode-se imaginar até que ponto um retorno é possível, uma vez que o processo da diáspora muda irreversivelmente a terra de origem e a diáspora. No entanto, a noção de um relacionamento constante é uma parte fundamental da experiência da diáspora. Geralmente se expressa mediante retenções culturais; em alguns casos, houve também tentativas de retorno físico. Muitos dos africanos que deixaram a Costa dos Escravos no século XIX desembarcaram no Brasil, um dos poucos países de onde um número substancial de africanos “retornou”. É uma história contundente em que se pode observar como “um grupo alienígena, enquanto viveu no Brasil, considerou esse lugar como ‘lar’”<sup>39</sup>. Mais recentemente, os “retornados” nipo-brasileiros (o Brasil também tem a maior comunidade da diáspora japonesa) relataram dificuldades similares para se adaptarem à terra de origem<sup>40</sup>. As tentativas de repatriar diásporas em larga escala levam a conflitos óbvios na terra de origem no que diz respeito ao compartilhamento de recursos com o grupo da diáspora e sua incorporação nas estruturas socioeconômicas. Respondendo à proposta de Marcus Garvey de um retorno maciço à África, muitos se opuseram fortemente à ideia de renunciar ao seu apego à terra de destino que eles ajudaram a construir. É necessário que uma população de diáspora tente ou deseje voltar à sua terra ancestral? Aqui difiro dos estudiosos que argumentam que esse desejo é uma característica definidora da diáspora. A gama de relações dinâmicas entre as diásporas e as terras de origem é muito grande e abrange posições sobre um retorno possível ou real que opõe à idealização a realidade pragmática, incluindo a realidade do apego à terra de destino, às vezes remontando há muitas gerações. Assim, a questão do retorno pode ser vista como parte do

conjunto maior de relacionamentos com a terra de origem, que são intrínsecos à experiência da diáspora, ao invés de uma orientação específica para o retorno físico. Além disso, as imaginações sobre terra de origem pela diáspora são, até certo ponto, parte do projeto de construção de sua identidade. O caso dos romas, termo de autoidentificação de pessoas referidas como “ciganas” – considerado um termo depreciativo –, sugere que mesmo uma relação conceitual pode ser um fator crucial da identidade da diáspora na ausência de uma terra de origem que continue a existir como uma entidade geopolítica. O mundo adquiriu forma por meio de incontáveis vagas de povos errantes; nem todos eles mantiveram um sentido de enraizamento com a terra de origem. Existe uma diferença fundamental entre as diásporas que têm e as que não têm uma terra de origem? Existem padrões tipológicos de intensidade e dinamismo da relação com a terra de origem? Estas são algumas das questões sobre relacionamentos que merecem mais discussões para desenvolver a teoria da diáspora.

O relacionamento com uma terra de origem não cessa com a partida do grupo inicial. Não só continua como também pode assumir diversas formas simultaneamente, desde o retorno físico a apegos emocionais expressos artisticamente, até a reinterpretação das culturas ancestrais na diáspora. Muitas dessas terras assumiram papéis ativos de fomento a relações com suas diásporas, incluindo a extensão do direito ao voto e a ampliação das categorias de cidadania. As diásporas, por sua vez, desempenharam papéis ativos nas economias nacionais através de envios de fundos. Em seu estudo das relações cabo-verdianas com descendentes nos Estados Unidos, Laura Pires-Hester mostrou como o presidente Aristide Pereira deixou de considerá-los estrangeiros e passou a incluí-los, para alavancar recursos e influência. Sua análise do “uso estratégico do recurso étnico [da diáspora bilateral]” estabelece um conceito útil aos estudos do tema. A diáspora é um recurso potencial para a terra de origem, cuja utilização depende tanto dos objetivos desta quanto daqueles da diáspora. As comunidades emigrantes muitas vezes tentam advogar em nome da sua terra de origem nas novas localidades; como isso se transforma à medida que muda a composição das comunidades, dos próprios viajantes para os seus descendentes na diáspora? Em que medida a intervenção da terra de origem mobiliza toda a diáspora, ou

considera estrategicamente os diversos locais? As análises comparativas do desenvolvimento da diáspora como capital político podem render percepções valiosas sobre estratégias alternativas de poder e os fatores que as afetam. Essas comparações já mostraram dramáticas diferenças de opções políticas em questões como direitos ao voto entre diásporas oriundas de Estados singulares, como a australiana ou a indiana, comparadas com a africana, em que a coordenação de vários Estados seria necessária para decisões políticas.

Essas são apenas algumas considerações pretendidas como pontos de partida na formulação da teoria, que deve levar em conta todas as dimensões das relações com a terra de origem, e o que revelam sobre o fenômeno e o funcionamento das diásporas. Assim como com a questão da dispersão física, os relacionamentos com a terra de origem distinguem as diásporas de outros tipos de comunidades transnacionais. É um processo contínuo pelo qual as comunidades da diáspora e suas terras de origem se imaginam e se recriam, a si e à outra.

Demorei-me propositadamente no conceito de terra de origem para sugerir essa variedade de considerações que levam a desenvolver a teoria da diáspora. No entanto, vale a pena observar alguns pontos relativos a outras dimensões comuns da diáspora.

### *Relação Com as Terras de Destino*

A antropologia, os estudos de migração, a sociologia e a ciência política, entre outros campos, contribuíram enormemente para a compreensão das relações da diáspora com suas terras de destino. No campo dos estudos diaspóricos, há uma riqueza de investigações sobre política de identidade, assimilação, retenção cultural e canais de empoderamento político, social e econômico. Ao invés de discutir esses tipos de questões aqui, gostaria de sugerir formas de analisá-las para melhor iluminar a natureza das diásporas.

As ações e condições das terras de destino podem ser consideradas alguns dos principais agentes na formação e desenvolvimento das diásporas. Seu estudo demanda uma compreensão do protagonismo da terra de destino, pois afeta coisas como a capacidade de interagir com a terra de origem, com outros grupos

da diáspora e com as populações majoritárias da terra de destino. Por exemplo, os negros estadunidenses, nas primeiras décadas do século XX, consideraram emigrar para o Brasil, um lugar com melhores oportunidades e possíveis aliados políticos. O ramo de Springfield da UNIA mirava o Norte e o Nordeste do Brasil por causa de seu grande número de negros, assim como também a vizinha Guiana Britânica. Seus membros expressaram suas aspirações em uma carta de 1921 ao jornal da organização, *The Negro World*: “Que fonte de força nossa organização pode ter se apenas uma parte dessa população puder ser trazida para o nosso campo; a vitória para a nossa causa será facilitada e a ajuda comercial e financeira pode ser obviamente vista.”<sup>41</sup> Cyril Briggs, da African Blood Brotherhood (Irmandade do Sangue Africano), levantou a possibilidade de criar uma “república negra” na América do Sul em conjunto com os muitos afrodescendentes que aqui já viviam. Com a libertação da África do colonialismo, ele profetizou que “dois continentes ricos seriam dominados pelas raças africanas”<sup>42</sup>. No entanto, suas previsões para esse tipo de colaboração dependeriam diretamente de seus respectivos Estados. O Brasil não conseguia controlar a emissão de passaportes pelos Estados Unidos, mas recomendou que os negros estadunidenses fossem impedidos de entrar no país. Por seu lado, o Departamento de Estado dos Estados Unidos também consultou o Brasil e negou a autorização. Embora os negros nos Estados Unidos e no Brasil tenham se correspondido em jornais negros em ambos os países, essa intervenção dos dois Estados num momento crítico do despertar pan-africano teve um papel concreto nos tipos de estratégias abertas aos afrodescendentes. Da mesma forma, as relações entre afrodescendentes nos Estados Unidos e em Cuba foram restritas pela mudança nas relações diplomáticas e econômicas entre esses países<sup>43</sup>. Por outro lado, as ações dos Estados podem encorajar novas ou mais amplas relações da diáspora, como o ato de imigração dos Estados Unidos de 1965, que provocou ondas de imigração africana e caribenha para a comunidade negra, ou os programas acadêmicos no Brasil para estudantes africanos. Uma estrutura da diáspora nos permite ver o papel dos Estados na sua formação.

### *Inter-Relações na Diáspora*

As inter-relações nos segmentos da diáspora são uma dimensão crucial de sua experiência. Sugiro que a emergência dessas relações seja o momento seminal da transformação de grupos migratórios em diásporas. O contato entre comunidades da diáspora, independente dos contatos com a terra de origem, é vital para forjar a sua consciência, suas instituições e suas redes. É, portanto, um ponto essencial de análise. A importância da consciência numa diáspora tende a ser menos teorizada na literatura do que os abundantes estudos sobre as relações entre as diásporas e sua terra de origem. No entanto, pode-se argumentar que se os membros de uma população dispersa não mantêm laços entre si é difícil elencá-los como uma diáspora operativa. Isso não significa que o grupo não venha a desenvolver uma identidade de diáspora. A diáspora africana existiu quase quatro séculos antes dessa identidade se tornar operativa. Com isso, quero dizer que, sem que eles se conhecessem e compartilhassem a identidade em torno da “negritude”, e compartilhassem histórias ancestrais de escravidão e opressão no Novo Mundo, as comunidades afro-atlânticas poderiam ter seguido outras trajetórias, inclusive as de grupos imigrantes assimilaçãoistas. Até certo ponto, isso já aconteceu no caso de alguns afro-latino, que optaram por identidades “hispânicas” e não “negras” nos Estados Unidos<sup>44</sup>. Sem a referência da negritude/africanidade na comunidade, esses indivíduos percebem uma relação apenas tangencial com outras comunidades da diáspora africana, que tem implicações para a ação coletiva. Quando, em 2013, o governo da República Dominicana revogou a cidadania de milhares de dominicanos negros suspeitos de serem descendentes dos haitianos que entraram no país a partir de 1929, essa ação foi direcionada não apenas a um número significativo de cidadãos negros, mas também ao relacionamento problemático e racializado entre o Haiti e a República Dominicana. No entanto, muitos cidadãos dominicanos, que compartilhavam a ascendência africana com seus conterrâneos descendentes de haitianos, não perceberam nisso uma causa comum. A identidade é, portanto, um componente vital das diásporas; transforma a realidade física da dispersão em realidade psicossocial da diáspora.

Para usar uma metáfora visual, a dispersão física pode ser representada pelo eixo de uma roda de onde partem vários raios. A diáspora é a ideologia interconectada que complementa a roda, ligando os raios uns aos outros, bem como ao centro, criando assim a unidade dessa comunidade transnacional. Estudos adicionais ajudarão a identificar os fatores específicos da transição da migração para a consciência da diáspora.

É possível representar as relações entre as comunidades que constituem uma diáspora através de técnicas de mapeamento que consideram outros aspectos além dos geográficos. Em seu estudo sobre a diáspora comercial sudanesa, Philip Curtin usa um mapa que indica linhas de dependência e rivalidade entre seus membros. Registra também suas diferentes relações com seu centro no Cairo. Esta é apenas uma das várias maneiras pelas quais a geografia pode ser usada criativamente para mapear a estrutura interna das diásporas. Não há uma regra única para esse tipo de mapeamento alternativo, exceto talvez que cada uma delas seja mapeada em seus próprios termos. Na diáspora cubana contemporânea, por exemplo, simplesmente usar cidades de destino como Miami e Nova York para denotar suas subunidades mascara a divisão bem real entre os emigrantes anticastristas, os “marielitos” e outros. Para essa diáspora, a ideologia política e a classe socioeconômica são delimitações reais dentro do grupo que devem ser levadas em consideração. A cronologia também importa para as especificidades das unidades internas, especialmente quando as diásporas se formam durante longos períodos de tempo, para evitar formulações que homogeneízem as experiências de diversos povos. Isso representa um desafio porque o que está sendo mapeado é uma comunidade imaginada. Mapear uma diáspora, portanto, exige a consideração de sua dinâmica interna em conjunto com a espacialidade, a fim de registrar com mais precisão seus múltiplos contornos. Técnicas específicas para isso continuam a ser apuradas; minha intenção aqui é direcionar a atenção à necessidade de adaptar a geografia para uso no estudo da diáspora, de maneira que nos permita incorporar simultaneamente as realidades históricas das quais essa geografia emergiu. A questão maior aqui é a necessidade de maneiras criativas a fim de identificar e explorar as geografias internas da diáspora.

Os espaços físicos desempenham um papel importante na formação da diáspora. Eles se cruzam e se sobrepõem, especialmente em áreas cosmopolitas como São Paulo ou em locais como a Guiana e Trinidad, onde as políticas coloniais juntaram as diásporas africana, india, chinesa e europeia. O impacto de uma diáspora sobre outra e o efeito dessa interação sobre as identidades individuais e as estratégias políticas coletivas é um caminho para novas pesquisas. A análise das “capitais da diáspora”, áreas em torno das quais as comunidades de muitas diásporas se aglutinam, potencialmente contém chaves para uma compreensão mais matizada dos processos e dos fatores específicos que afetam a criação da sua identidade. Isso inclui diferentes comunidades dentro da mesma diáspora; o capítulo 3 examina algumas das implicações das interações entre várias camadas de diáspora quando elas se juntam num único lugar.

Qualquer estudo dos laços que ligam as diásporas tem potencial para discernir por que as organizações transnacionais formais podem existir em alguns casos, ou se práticas culturais particulares servem para cimentar identidades diaspóricas<sup>45</sup>. Há muitos agentes que facilitam ou obstruem suas interconexões: indivíduos, Estados-nação e forças transnacionais, com resultados multifacetados. Por exemplo, a xenofobia pode levar a represálias contra expressões de nacionalismo da diáspora (em oposição ao patriótico) nos mesmos países que facilitam sua rede através de tecnologia de telecomunicações de fácil acesso. Pode haver alguns segmentos para os quais as interconexões são mais fortes do que outras, ou de uma natureza diferente. Essas são apenas algumas sugestões de questões para pesquisa que, coletivamente, podem ajudar a iluminar essa dimensão da experiência da diáspora.

## TEMPORALIDADE E DIÁSPORA

Em *New Diasporas*, Nicholas Van Hear discute algumas das questões enfrentadas pelas diásporas mais recentes e destaca a utilidade de situá-las historicamente na época em que ocorrem. Embora sejam consideradas no presente como comunidades transnacionais na era da globalização, as diásporas existiram antes das construções modernas do Estado-nação (assim como

os sistemas econômicos internacionais). O surgimento de Estados e tecnologias modernos tem indubitavelmente afetado a história das diásporas e o crescimento das suas identidades no presente. É possível que, na Antiguidade, as diásporas fossem mais de exércitos de conquista do que de refugiados e trabalhadores assalariados, tão comuns nas do início do século XXI. Estudos comparativos levam luz à transformação da natureza das diásporas em diferentes épocas históricas.

O tempo pode também ser considerado na história de vida de uma diáspora. A dispersão principal é, à primeira vista, um marcador claro do seu início quando esta é uma relocação maciça causada por conjuntura distinta. No entanto, isso não impede a possibilidade de migrações anteriores e posteriores. Em alguns casos, há séculos entre a diáspora inicial e as subsequentes. Mesmo dentro “da” diáspora africana existem diásporas jovens, como a da África pós-colonial, de meia-idade, como a africana no mundo atlântico, ou velha, como a africana no mundo do Oceano Índico. Esses termos são usados intencionalmente com a finalidade de evocar uma referência ao histórico de vida das diásporas. É possível que as mais novas, apenas duas ou três gerações depois da dispersão original, sejam substancialmente diferentes em caráter, com questões como migração, adaptação ou envolvimento político em assuntos internos mais ou menos proeminentes em seu discurso e experiência. Para as diásporas que remontam a quatro ou mais gerações, a situação provavelmente será bastante diferente. Nesse ponto, suas populações podem precisar reforçar ativamente a identidade a fim de neutralizar a assimilação. Eu sugeriria que uma outra fase fosse inserida quando os relacionamentos se dão entre comunidades diversas para forjar uma identidade comum distinta de uma identificação exclusiva entre membros de uma terra de origem. Existe uma diferença sutil, mas crucial, entre as noções de comunidade centradas na terra de origem e as centradas na própria diáspora. Enquanto o pan-africanismo mobilizava as diásporas da África para defender o fim do colonialismo no continente, outros diálogos políticos também surgiram diretamente entre as suas comunidades, como os diálogos hemisféricos sobre negritude e raça, na preparação para a conferência da ONU em Durban sobre racismo e xenofobia em 2002. Mais uma fase começa quando emergem diásporas

secundárias? Existe um ponto em que uma diáspora deixa de existir como uma categoria significativa de análise, ou os ecos das diásporas mais antigas permanecem, mesmo quando as mais novas se dispersam e se misturam?

## RUMO À EPISTEMOLOGIA

O objetivo último de destacar a dinâmica comum a todas as diásporas é fornecer uma estrutura para uma abordagem comparativa do seu estudo. Ao considerar comparativamente essas (e outras) dimensões da experiência da diáspora, podemos começar a avançar para uma compreensão mais nuançada dos processos que afetam suas trajetórias. Por exemplo, a relativa força política ou econômica da terra de origem pode se relacionar com padrões específicos de inter-relações dentro de sua diáspora. Uma diáspora nascida do cativeiro pode ser de natureza muito diferente de uma formada pelo comércio. Aquelas que são originárias de múltiplos Estados, como a africana, podem ser de natureza muito diferente das diásporas de um único Estado. A quantidade extraordinária de pesquisas sobre as experiências de diásporas de múltiplas populações possibilita a mudança para uma nova geração de estudos comparados. Isso nos dá uma base rica a partir da qual desenvolver uma epistemologia verdadeiramente universal da diáspora.

Há temas essenciais para o estudo da diáspora, cuja exploração tem sido ajuizada em determinadas disciplinas. Os estudos culturais e literários desenvolveram uma literatura considerável sobre as implicações socioculturais e pessoais do transnacionalismo. Os antropólogos foram pioneiros da etnografia no início do século XX e articularam teorias, como a do regênese cultural, que são parte integrante do estudo da diáspora. Uma conferência em 2006 sobre a diáspora africana e suas disciplinas revelou as diferentes trajetórias que os estudos tiveram em disciplinas distintas<sup>46</sup>. Grande parte da experiência da diáspora não está escrita. Está inscrita nas artes criativas, na cultura material e nas tradições orais; recuperá-las exige uma diversidade de abordagens. Para citar apenas um exemplo, quando o African Burial Ground<sup>47</sup> foi escavado no centro de Manhattan, pesquisadores

utilizaram ciência genética, arqueologia, história da arte, estudos religiosos, antropologia e história empírica para “falar” com os ossos enterrados séculos antes. Foram necessários conhecedores dos segredos ancestrais para ouvir esses espíritos e persuadi-los a revelar suas identidades e histórias e memórias. Foram necessários artistas para traduzir essas lembranças em sentimentos, em poesia e arte, e monumentos, para aqueles que ainda viriam para comungar e celebrar aquelas vidas perdidas<sup>48</sup>.

Essa multidisciplinaridade apresenta desafios metodológicos em vários níveis. O estudo da diáspora exige uma gama de elaborações acadêmicas; seu estudioso deve aventurar-se além dos limites da literatura disciplinar, transcender a organização geográfica tradicional da maioria das disciplinas. Isso implica a necessidade de treinamento de estudiosos da diáspora. Um programa de estudo voltado à pesquisa da diáspora incluiria necessariamente treinamento em múltiplas linguagens e disciplinas, bem como imersão em cultura “popular” e experiência no exterior em algumas das comunidades em foco. Novos programas, instituições e modelos de aprendizagem podem ser necessários para futuras gerações de especialistas da diáspora. A tecnologia digital abriu novas opções, como o projeto Unispura, de Chinwe Oriji, um *site* interativo que reúne múltiplas narrativas da diáspora entre culturas e gerações, possibilitando a descoberta de dimensões e temas universais da experiência da diáspora de novas maneiras<sup>49</sup>. O projeto Ekopolitan, desenvolvido por Abosede George, está criando um arquivo digital das muitas migrações individuais de pessoas comuns que se mudaram para, e de, Lagos nos séculos XIX e XX, tornando visíveis detalhes sem precedentes sobre os fluxos de retorno da diáspora para a África e suas interações com a população local, de uma perspectiva micro que até agora era difícil documentar<sup>50</sup>. Esse último projeto é um dos muitos que desafiam nossos conceitos atuais da geografia, reimaginando um “mapa” coletivo e dinâmico. A diáspora nos mostra como se valer do movimento onde houve uma vez tradições de fixação, sustentando simultaneamente conceitos contraditórios; por isso o campo exige que as disciplinas interroguem realidades que não se encaixem perfeitamente em constructos tradicionais. A necessidade de moldar novas ferramentas conceituais requer criatividade dos estudiosos da diáspora, mas uma criatividade

capaz de desenvolver disciplinas mais preparadas para abordar os dinâmicos fluxos da comunidade que marcam o século XXI.

Existem discursos correntes nos estudos da diáspora que estão fora do foco estreito deste capítulo sobre epistemologia. Por meio de disciplinas como literatura, estudos culturais, ciência política e história, um número crescente de estudiosos está pensando além das fronteiras para explorar o protagonismo de comunidades transnacionais à medida que elas se reinventam, considerando ainda a emergência de identidades individuais transnacionais. Construções sociais como raça, gênero e sexualidade interagem com as forças da autoridade dos Estados e as internacionais nessas novas narrativas do pós-colonialismo, reconfigurando identidades em busca contínua de autodeterminação e poder.

As relações de poder não podem ser consideradas apenas em termos binários diáspora/destino; isso não é a única coisa a ser levada em conta. O poder abrange todas as manipulações de recursos e identidades, uma realidade que a construção da diáspora deve acomodar. A identidade da diáspora não necessariamente empodera se mantiver discriminação de gênero e classe. Tradicionalmente, as diásporas foram vistas como destituídas de poder porque em geral não possuem recursos (particularmente econômicos e militares) de Estados formais. Por conseguinte, foi fácil estabelecer a ausência de poder como normativa. No entanto, as formações transnacionais são claramente capazes de influenciar, dominar ou mesmo subverter as nacionais na medida em que são capazes de mobilizar recursos estrategicamente influentes, um fator que pode tornar-se cada vez mais importante à medida que os antigos limites coloniais continuam sendo desafiados pelos movimentos de guerrilha e etnonacionais.

Esse ponto sobre o poder às vezes é inquietante. As articulações da identidade da diáspora por pessoas destituídas de poder sugerem uma busca por novas alianças que possam potencialmente conferir mais autonomia. O movimento da pessoa “minoritária” em direção ao alinhamento com uma comunidade internacional da diáspora e uma terra ancestral lhe proporciona uma base alternativa de poder que, de outra forma, poderia não lhe estar disponível devido aos modos tradicionalmente hegemônicos desse poder. O nacionalismo diaspórico pode se tornar uma

forma de patriotismo transcendente, “sem Estado”, que substitui a fidelidade aos vários países em que a diáspora se instalou. Essa possibilidade tem provocado preocupação, sobretudo em países com taxas elevadas de imigração, de que os esforços para promover seus próprios interesses levassem as diásporas a “manter uma política [nacional] refém”<sup>51</sup>.

A simples expressão do etnonacionalismo da diáspora, portanto, causa desconforto em alguns círculos. Para alguns, evoca memórias da xenofobia desmedida que caracterizou os nazistas e a Ku Klux Klan/Nação Ariana, ou mesmo de conflitos econômicos e políticos, como entre os tutsis e os hutus, que se entrelaçaram com os étnicos em Ruanda e Burundi. Quando as comunidades se agrupam em torno da etnia (ainda que construída), estabelecem limites que por vezes são impermeáveis e, portanto, antidemocráticos quando considerados no contexto da sociedade em geral. No entanto, seria tendencioso destacar os perigos do etnonacionalismo apenas para os povos destituídos de poder. Todas as construções de identidade são baseadas em poder, de forma explícita ou implícita. As pessoas escolhem as identidades que oferecem algum benefício e evitam as que não têm o que ofertar. Esse benefício depende do sistema de valorização do indivíduo, e pode incluir considerações espirituais, sociais e econômicas. Ademais, as articulações da identidade expressam uma escolha individual de autodeterminação dentro de uma dada sociedade, não são apenas uma atribuição de fatores socioeconômicos ou étnicos. Aytar Brah dá o exemplo de duas jovens mulheres negras britânicas de ascendência jamaicana, uma das quais prefere se identificar como jamaicana ou caribenha, enquanto a outra, com antecedentes semelhantes, opta por afirmar sua identidade britânica ao arrepio da marginalização cultural<sup>52</sup>. A construção da diáspora proporciona uma identidade coletiva alternativa à do Estado e, como todas as outras, envolve negociações de poder social. O fato de seu uso estar aumentando significativamente nos últimos anos sinaliza um desafio correspondente às construções tradicionais de fronteiras, nacionalidades e à imposição de identidades destituídas de poder.

A realidade do transnacionalismo neste momento histórico tem indicado que este é também o momento para os estudos sobre a diáspora avançarem. Nós, empenhados na compreensão

do processo e do impacto da diáspora, fomos além do mundo insular do estudo da diáspora singular, mas ainda estamos lutando com o aperfeiçoamento de nossas próprias linguagens e estruturas de análise. Embora tomemos emprestado e contribuamos com discursos como pós-colonialismo, modernidade, história mundial e estudos étnicos, ainda estamos no processo de formulação de uma epistemologia focada na singularidade da experiência da diáspora. Este capítulo é, sem dúvida, apenas uma série de sugestões para esse fim, mas espero que nos ajude a progredir em nossa tentativa de interpretar e compartilhar o que para muitos de nós tem sido uma parte tão profunda de nossas próprias vidas. No estágio atual da história humana, é cada vez mais raro viver e morrer na terra de nossos antepassados; este é, como diz Khachig Tölöyan, o momento transnacional – a era da diáspora.

### A DIÁSPORA AFRICANA<sup>53</sup>

A diáspora africana é, em alguma medida, a mais diversificada de todas elas, bem como a mais antiga. A África é o ponto de origem de onde a humanidade se espalhou pelo globo. É o lugar dos grandes movimentos migratórios da Antiguidade.

Alguns desses, como a grande migração bantu, aconteceram dentro do próprio continente; outros envolveram viagens marítimas para a Oceania e, como argumentou Ivan Van Sertima, para as Américas<sup>54</sup>. Todas as eras da história humana têm visto migrações da África. Devido a essa diversidade, a grande diáspora africana, na verdade, consiste em muitas diásporas distintas, cada uma com história e trajetória específicas. Embora alguns associem os termos diáspora “negra” com diáspora “africana”, apenas esta última tem como centro o espaço físico da África e a dispersão de seus povos ao longo da história. A negritude, à medida que foi reapropriada e redefinida como uma ideologia libertadora, tem deveras um grande valor. E, para ser justa, “África” é também um conceito profundamente conectado a uma Europa que se distanciou de sua família africana além do familiar litoral mediterrâneo. No entanto, enquanto a negritude é produto da escravidão, do colonialismo e da hegemonia europeia, a grande diáspora africana não o é.

Como Colin Palmer sugeriu, há uma diferença fundamental entre as migrações da Antiguidade e as que constituem a diáspora africana moderna. Ele distingue cinco fases históricas no desenvolvimento da diáspora africana, começando com o êxodo original do Chifre da África para se estabelecer no resto do continente e também nas comunidades pré-históricas na Arábia<sup>55</sup>. Combinando o foco temporal de Palmer na periodização com uma consideração do espaço historicizado, dividi a diáspora africana da era moderna em quatro fluxos principais.

O mais visível deles resultou do traumático tráfico de escravos transatlânticos. As experiências dessa comunidade inicialmente sugeriram aos estudiosos da África que o conceito de diáspora poderia ser útil para a compreensão das complexas identidades, relacionamentos e políticas de pessoas de ascendência africana no nível global. As aproximadamente onze milhões de almas que sobreviveram à brutalidade da travessia atlântica vieram a constituir o que muitas vezes foi visto como arquétipo da diáspora africana, juntamente com os seus descendentes concentrados nas Américas e no Caribe. Refiro-me a essa comunidade como a diáspora afro-atlântica<sup>56</sup>.

No entanto, existem outros circuitos significativos da diáspora africana formada na era moderna. Mesmo enquanto a diáspora afro-atlântica estava tomando forma, uma rede comercial muito antiga que comercializava escravos em todo o Oceano Índico, e que remonta ao primeiro ou segundo século da era cristã, foi responsável por transferências de africanos para Índia, Paquistão, Iraque, Irã, Turquia, Iêmen e, provavelmente, até para a China. Esses movimentos de africanos fizeram parte do desenvolvimento de uma das redes transnacionais mais significativas que inauguraram a era moderna – um grande império comercial que liga a Rota da Seda e o comércio asiático à África, à Ibéria e aos Estados do golfo. A diáspora africana no mundo do Oceano Índico tem diferenças significativas da de seus pares do Atlântico, tal como a importância relativa da religião (em oposição à raça) na formação de identidades sociais<sup>57</sup>.

Após o fim da escravidão nas Américas, no século XIX, houve uma onda de migrações secundárias na diáspora afro-atlântica que constituíram outra fase significativa. Os descendentes de africanos escaparam dos constrangimentos em suas antigas sociedades

~~escravas~~ a fim de recomeçar a vida em capitais industriais e urbanas emergentes, para trabalhar em projetos como o Canal do Panamá ou em empreendimentos agropecuários como as *plantations* de banana, da United Fruit Company na América Central, e de açúcar em Cuba. O movimento em massa de afro-americanos do campo para as cidades industrializadas nos Estados Unidos, conhecido como a Grande Migração, ecoou em todo o hemisfério, conforme os ex-escravizados buscavam oportunidades econômicas e refúgio de situações insustentáveis em “casa”.

O Caribe era um lugar de migração particularmente ativo devido a uma confluência de fatores: a procura por trabalho em novos mercados, mas também a limitação das economias insulares pelas monoculturas da era escravista, pelo afluxo de trabalhadores asiáticos a inflar o que, caso contrário, teria sido uma força de trabalho predominantemente negra, e a oportunidade de remuneração do trabalho por contrato, tudo isso contribuiu para a mudança aos centros industriais. Africanos continentais também estavam em movimento. Conforme a ocupação comercial e militar europeia na África tornava-se colonização formal, após a década de 1880, os africanos gravitavam em direção a capitais coloniais europeias para estudo e outras oportunidades, de outra forma indisponíveis para eles. Os colonos do Caribe eram um número pequeno, mas significativo, de cidadãos de ascendência africana das Américas também viajavam cada vez mais para as metrópoles europeias com as quais há muito se relacionavam. Em contraste com as chegadas em massa da era escravista, esse fluxo caracterizou-se por uma multiplicidade de migrações individuais impulsionadas por motivações diversas que vão desde ambição e desejo até a necessidade de escapar de situações desesperadoras e perigosas.

Essas migrações cruzadas de afrodescendentes levaram a novas constelações de capitais da diáspora africana em lugares como Nova York, Costa Rica, Panamá, Paris e Londres. Em todos esses espaços, conforme os afrodescendentes testemunhavam acontecimentos como a partilha da África, novas ondas de violência antinegra, leis racistas e políticas sociais, e as lutas de independência na África continental, começaram a se imaginar como uma comunidade ligada por uma herança e uma causa comum. Concebidas mais visivelmente na linguagem do

pan-africanismo, começaram a emergir políticas da diáspora global concentradas em estratégias coletivas para melhorar a vida dos africanos no continente e dos afrodescendentes em suas muitas comunidades ao redor do mundo.

No século XXI, as viagens da diáspora não são mais dominadas por indivíduos com experiência pessoal de escravidão ou colonialismo, mas novas migrações estão trazendo africanos para a Europa, Ásia, os Estados do golfo e as Américas<sup>58</sup>. Esse quarto e mais recente fluxo da diáspora africana está acontecendo simultaneamente à melhoria das tecnologias de transporte e telecomunicações, o que, afirmo, distingue-a significativamente de ramos anteriores. As chamadas de vídeo, as transferências instantâneas de dinheiro e os recursos da internet facilitam a manutenção de vínculos muito mais estreitos com os lugares de origem do que em épocas anteriores; isso cria novas possibilidades de relacionamentos culturais, familiares, políticos e econômicos. Essas condições também se estendem a muitas remigrações reconfigurando continuamente comunidades em toda a diáspora em que estão circulando novas ideias e influências culturais globais num ritmo sem precedentes. A música chutney soca de Trinidad, de influência india, toca em alto-falantes no Queens, em Nova York, e acaba indo parar na *playlist* de um jamaicano. Há uma afluência de filmes de Nollywood em telefones celulares na Rússia, e o azeite de dendê tempera novas receitas numa cidade da Alemanha ocidental<sup>59</sup>. A mais nova era da diáspora africana é uma mistura de culturas globais que lhe permite manter identidades específicas e, ao mesmo tempo, estar em constante dinamismo. Como em épocas anteriores, esse fluxo da diáspora existe ao lado das persistentes oscilações da exploração negra/africana que continuamente reconstituem o racismo e supremacia branca estrutural, institucional e ideologicamente. A mais nova da diáspora africana existe também no contexto de uma África continental ainda lutando por autonomia política e econômica e segurança. Embora eu tenha notado as principais dispersões do continente como um todo, há também muitas dispersões de locais específicos dentro da África para outros destinos no continente e no exterior que compartilham essas novas condições da diáspora no século XXI.

Anteriormente, eu havia argumentado que os motivos particulares de, e as condições para, qualquer diáspora deixam nela

uma marca fundamental que, por sua vez, informaria sua política, cultura e identidade subsequentes<sup>60</sup>. Cada um desses quatro ramos da diáspora africana na era moderna diferiu nas forças que provocaram suas respectivas dispersões, bem como no contexto de suas experiências no exterior. Por exemplo, a primazia da raça na afro-atlântica não tem necessariamente a mesma ressonância em outros setores da diáspora africana. O que mudou nos últimos tempos é que essas dinâmicas já não existem em isolamento geográfico. Hoje, vários setores da diáspora coexistem num mesmo espaço e ao mesmo tempo. A xenofobia anti-imigrante, cada vez mais hostil na Europa, toca o descendente do Caribe da terceira geração assim como o mali, o sírio ou o congolês recém-chegados, quando bananas são atiradas em políticos ou jogadores de futebol negros, ridicularizando-os num estádio local<sup>61</sup>. Entender como essas comunidades de diáspora sobrepostas existem separadamente e em conjunto é essencial para que a diáspora seja bem-sucedida como instrumento de ação política. Essa dimensão da diáspora será discutida mais adiante no capítulo 3.

Tendo em conta esses múltiplos fluxos, o que comumente se entende hoje como “a” diáspora africana é mais apropriadamente rotulada como “a diáspora africana moderna”. A referência à era moderna não é mera distinção temporal. Não se pode entender a modernidade sem entender a diáspora africana. Na sua formação estão as raízes do transnacionalismo e das filosofias sociais de dominação, exploração e estratificação que lubrificam o motor do capitalismo moderno. À medida que matérias-primas africanas, e eventualmente pessoas, passaram a circular em todo o mundo, o conceito de África se consolidou como um abrangente guarda-chuva para a diversa miríade do continente. Especificamente, a ideia de que o papel da África era gerar riqueza para os não africanos deu origem a uma causa comum contra os objetivos dessa exploração. A instituição amplamente compartilhada da desigualdade racial e de exploração ao longo do tempo pode ser o elo chave entre diásporas africanas distintas para formar uma metadiáspora africana.

Neste livro, exploramos a utilidade da diáspora para o estudo da experiência afro-brasileira. Existem vários quadros para considerar a história de um grupo de pessoas descendentes de sociedades africanas particulares, ligadas a uma grande

comunidade global lusófona, conectada à diáspora africana maior e, claro, conectada a uma história nacional e regional. O uso da diáspora ajuda a destacar as maneiras pelas quais as pessoas se entenderam como parte de uma comunidade global de ascendência africana, fazendo e estabelecendo suas próprias conexões. Significativamente, um dos aspectos mais importantes da diáspora é o modo como é mobilizada para gerar mudanças localmente. Como se verá, esta é de fato uma dimensão importante da filosofia e da estratégia política afro-brasileira.